

... Edição: 2001 - Vol. 26 - Nº 01 > Editorial > Índice > Resumo > **Artigo**

MOBILIDADE SOCIAL E IDENTIDADE RACIAL: O NEGRO NA PERSPECTIVA DO ENSINO SUPERIOR

A presente pesquisa aborda a relação entre a condição racial e o acesso às oportunidades educacionais, sobretudo no que se refere aos níveis mais altos do sistema educacional. A mesma tem como objetivo compreender o acesso do estudante negro na universidade. Na metodologia, procura-se articular dados mais gerais das relações raciais na sociedade brasileira, relacionados com o conjunto do universo pesquisado, com base em estudo de caso. Dessa maneira, é que a Universidade Federal de Santa Maria foi escolhida como o lugar onde se desenvolveu a pesquisa. Como resultado destaca-se que a graduação tem sido a barreira mais difícil de ser superada pelos alunos negros, devido a diversos processos discriminatórios sofridos no decorrer da trajetória escolar.

1 - INTRODUÇÃO

Este trabalho trata de alunos negros a partir de sua inserção na Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Através do estudo de suas trajetórias escolares examina os processos de construção da identidade, as situações de preconceito e discriminação, significado da Universidade, suas aspirações e sua relação com a questão sócio-racial.

O presente trabalho procura entender o sucesso daqueles que conseguiram romper a barreira do ensino superior no Brasil. Parece importante chamar atenção para os mecanismos que condicionam o sucesso daqueles que conseguem chegar ao terceiro grau, a partir da análise de seu próprio discurso sobre sua história e trajeto educacional e suas escolhas. O que se pretende é averiguar quais as razões que possibilitam o ingresso destes estudantes negros no curso superior da UFSM. E como são tão poucos que chegam nesse patamar de ensino, parece existir uma "regra" que não permite a ascensão da maioria negra. Ou seja, a exceção confirma a regra do "racismo cordial" que tem mantida excluída grande parcela da população negra estudantil.

O negro no Brasil vivenciaria um processo específico de segregação baseado em sua condição racial, que comprometeria a própria cidadania. Ou ainda, "ser negro no Brasil" significa ocupar os estratos mais baixos da hierarquia social, o que representa possuir níveis inferiores de instrução, de ocupação e de renda. (VALLE SILVA e HASENBALG 1991).

Os estudos apontam para o fato de que a escola seria um dos lugares onde o sistema de discriminação racial se reproduz e atualiza-se. O resultado educacional para negros e brancos é desigual, mesmo quando ambos possuem o mesmo poder econômico. (HASENBALG, 1973; ROSEMBERG, 1987; PINTO, 1987, BARCELOS, 1992).

Esta pesquisa pretende contribuir para o estudo das relações raciais através da análise das trajetórias de negros que chegam ao ensino superior.

Nessa direção, este trabalho procura dar visibilidade aqueles que não aparecem nas estatísticas das universidades. Enfim, descobrir as características étnicas e culturais das pessoas que participam da pesquisa, porque através delas se pode chegar aos significados do meio social em que estão inseridos.

2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

É uma pesquisa de campo, embasada num estudo de caso com estudantes negros da Universidade Federal de Santa Maria. Escolhemos universitários negros por entendermos que há um processo discriminatório iniciado na escola e que culmina no ensino superior. E com isto, procuramos entender o sucesso desse pequeno grupo e as diversas causas que geram a exclusão da maioria dos alunos afro-brasileiros das universidades.

Para a seleção da UFSM, considerou-se o fato de ser pública e gratuita, localizada na região central que abrange 125 municípios com aproximadamente 1,2 milhões de pessoas. E, finalmente sua qualidade ou seja, uma das melhores IFES do Brasil.

2.1 - Amostra da Pesquisa de Origem

F i t i t í d t i t i l i t d á i t d t d d i

procurados dos vestibulares, 94/98 e o sexo. Mas houve muitas dificuldades para localizar negros na Medicina, Odontologia, Psicologia etc., devido à ínfima presença dos mesmos nessas áreas, obrigando-nos a ampliar a pesquisa para outros cursos de graduação da UFSM.

Nossa preocupação, nessa etapa, era conseguir uma quantidade razoável de entrevistados e, após, selecionar uma amostra significativa, em termos de qualidade de conteúdo para o nosso trabalho.

Nesse novo critério foram escolhidos, oito entrevistados, quatro homens e quatro mulheres, entre os diversos cursos ofertados pela Universidade, do ano de 1994/98. Assim, poder-se-ia falar de diferentes aspectos e dimensões do conhecimento perpassando a história de vida dos negros.

2.2 - A Coleta de Dados

A coleta das entrevistas - semi-estruturadas - iniciou-se no mês de agosto de 1998. Para a pesquisa foram coletadas 15 histórias de vida estudantil de alunos negros, homens e mulheres, iniciando ou concluindo seus estudos.

Para o trabalho optamos por utilizar somente 8 casos que respondiam aos critérios acima. Os nomes dos entrevistados não aparecem por uma questão de ética, mas sim o curso que freqüentam.

2.3 - Categorias de Análise dos Dados

A análise das informações coletadas na entrevista será elaborada a partir de um arcabouço teórico das relações raciais no Brasil, que fundamenta o estudo de caso com uma abordagem qualitativa. As categorias principais são: a identidade negra para perceber como o aluno negro da UFSM elabora o seu conceito identitário, socialmente construído, a partir dos critérios do IBGE (preto, pardo, branco amarelo e indígena) e de modo auto-classificatório ou como os outros o classificam racialmente.

A outra categoria foi perceber também em que momentos de sua trajetória escolar mais sofreu a discriminação racial, os modos de reação frente à mesma e entender o sentido da Universidade. E, finalmente, compreender até onde a situação sócio-racial é um fator importantes para o ingresso e permanência na universidade. Então vamos ao primeiro item a ser analisado: identidade racial.

3 - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados apresentados seguem a ordem das questões apresentadas no questionário: fez algum cursinho pré-vestibular, como se identifica em termos raciais, o que representa essa identificação, a discriminação racial, estratégia para enfrentá-la, escolhas e desejos e escolaridade dos pais.

3.1 - Identidade Racial

No que se refere à cor ou à raça o questionário apresentou três itens de identificação e um quarto para medir a congruência entre a identidade racial e o conceito de negritude. No primeiro, utilizou-se a terminologia de cor induzida adotada pelo IBGE (preto, pardo, branco, amarelo e indígena). No segundo, utilizamos um conceito de identificação vindo de fora ou seja, do "outro" - branco pois alguns autores reforçam a tese de que nas regiões onde o negro é minoria, como é o caso do Rio Grande do Sul, o branco é quem ajuda na definição da identidade racial. Isso já afirmava RAMOS, através da análise dos dados do IBGE de 1940/50, onde os resultados estão a indicar que, no Brasil, o negro é mais negro nas regiões onde os brancos são maioria e é mais claro nas regiões onde os brancos são minoria. (1957:180). E, no terceiro e quarto, um termo mais aberto, onde o respondente coloca sua identificação racial, livremente, com uma explicação para o conceito de raça respondido.

O que se coletou, em termos de resposta, é que a maioria, isto é, sete pessoas se classificaram como pretas e apenas uma como parda. No entanto, a mesma discordou do termo utilizado pelo IBGE, dizendo que o mesmo "não possui origem histórica, logo, não se sustenta".

Já na pergunta que o "outro", de fora, é quem identifica, percebemos que seis são denominados como negros e dois como morenos ou mulatos. Aqui é interessante perceber que as categorias raciais não vão ser tão variadas como aparece no IBGE de 1980, em que são mencionados cento e trinta e seis cores (ver MOURA, 1988). A hipótese que fica para a região sul, constituída em sua maioria por grupos brancos fechados, é a forte impermeabilidade racial e social dos negros devido a sua cor.

Em síntese, podemos dizer que a identidade racial dos alunos não-brancos da UFSM, não parece depender apenas da aparência física. Mas é influenciada diretamente pelo "rótulo" que muitas vezes o branco impõe como por exemplo "pêlo duro", "brasileiro", e ainda pelo fato da pessoa não possuir sangue, sobrenome ou origem eurocêntrica como italiana, alemã, polonesa, etc. Aqui a construção da identidade negra é condicionada fortemente pelo que o "outro" pensa - branco

melhor, buscamos a representação desse conceito na vida do entrevistado. Enfim, descobrimos alguns elementos que segundo MUNANGA, constituem a negritude, como identidade, fidelidade e solidariedade. A identidade consiste em assumir plenamente, com orgulho, a condição de negro. A fidelidade repousa numa ligação com a mãe África e a solidariedade é o que nos liga diretamente a todos os irmãos negros do mundo (1986:44).

A novidade foi descobrir a afirmação de uma identidade negra, mesmo sabendo que a sociedade induz para o "branqueamento". Como diz AZEVEDO, em sua pesquisa na Bahia: Quando alguém se dirige a um preto inferior pode, por exemplo, compará-lo a outro 'preto como você', mas tratando-se de pessoa de classe mais alta a etiqueta manda empregar o vocábulo escuro ou mesmo moreno. (1955:27).

Em vários momentos, esse aspecto dissimulador das relações raciais no Brasil pode amortizar o conflito latente que o branco impõe ao negro, numa relação castradora de sua identidade. Vejamos o exemplo citado por uma aluna branca à colega negra, na aula de Biologia. A mesma vinha no ônibus e tinha um determinado local que entrava uma "negrada". Daí ela me olhou e disse assim: - Não que eles sejam negros, mas é que eles eram sujos. E eu determino as pessoas que são sujas e negras. As pessoas que são negras assim como tu, eu não considero negra. Aluna de Biologia.

Aqui o sujeito que provoca a ação discriminatória usa de um adjetivo pejorativo (negro = sujo) para dissimular o fato em si e não permitir que sua colega assumisse positivamente sua identidade negra.

As pessoas entrevistadas, na sua quase totalidade mantiveram uma boa concordância entre sua identidade negra e o conceito de negritude: toda a cultura que eu tenho, meu jeito é determinado por eu ser negro. É essa herança que veio dos meus pais... Aluna de Biologia. Em primeiro está na flor da pele. É ter as raízes profundas vindas do continente Africano (...). Sou uma descendente direta, porque minha bisavó foi escrava e sofreu muito por causa da cor. Aluna de História.

Esses depoimentos realçam o aspecto da herança e descendência africana. Em outras palavras, é o resgate histórico e psicológico do grupo de pertença. Esse fator parece essencial para cada comunidade reencontrar o fio condutor que o liga a seu passado ancestral, sobretudo hoje em que as descobertas arqueológicas mais recentes apresentam a África como o berço da humanidade (Veja, 28/09/94).

Esses relatos nos mostram uma volta para a auto-estima do negro, na modernidade. Há como que um empenho em valorizar e estimular uma maneira positiva de ser negro, diferente da do branco.

E finalmente, para outros é: uma cultura e um tipo racial assim como o branco, o índio. Aluna de Pedagogia.

Aqui entendemos identidade étnica como fruto da construção social e da representação que o negro sofre no seu cotidiano. Assim, num segundo momento procuramos perceber como funcionam as práticas discriminatórias que o aluno negro sofre e como reage perante as mesmas.

3.2 - Preconceito / Discriminação Racial

O preconceito nos remete a uma série de atitudes emocionais, cognitivas de forma negativa em relação a determinado grupo, porém, localizadas no campo das atitudes.

Apesar de preconceito e discriminação caminharem paralelamente, a discriminação não deve ser considerada unicamente, como fruto do preconceito. Vejamos o caso brasileiro, onde BENTO argumenta que a ideologia da democracia racial diz que não temos preconceito racial, logo, não possuímos discriminação racial. (1992:20) O nosso problema é que ninguém quer assumir abertamente esse preconceito. De acordo com MUNANGA:

esse silêncio não permite aos membros das comunidades oprimidas tomar consciência; esse silêncio passa pelo mito de democracia racial, pois a partir do momento que você não aparece à luz do dia e tudo é escondido, você não possibilita nem sequer a tomada de consciência do outro. Quando ele tenta se conscientizar, diz-se a ele: "olhe, meu irmão, eu não sou racista, a coisa está na sua cabeça; tome e beba um pouco do meu copo de cerveja". Aí o outro fica completamente confuso e não vai tomar consciência, nem identificar o racista e auto-identificar a si mesmo. (1996:226)

Segundo BENTO, neste modelo, preconceito causa discriminação pois a ênfase recai sobre o indivíduo portador de preconceito que passa a ser fonte geradora de discriminação. Só que, no país, as pessoas não ousam transgredir a regra cultural de interação social que permite a convivência não conflituosa dos grupos raciais. Em outras palavras:

as pessoas não se iludem com relação ao racismo no Brasil; sejam brancas negras ou mestiças

Todos os elementos, mencionados acima, não possibilitam a emergência de uma ação mais coletiva dos grupos dominados que venha desmascarar a prática discriminatória do dominador, ou ainda, permitir o debate público sobre o assunto com políticas diferenciadas para os grupos historicamente discriminados.

Trabalhar com a categoria de discriminação racial para se analisar as relações raciais no Brasil nos permite um outro tipo de reflexão mais abrangente que localiza a discussão naquele que sofre a ação, nesse caso o universitário negro. É o que será discutido a seguir.

3.3 - Ambientes que Prolongam a Discriminação Racial - O Sistema

O modo, como as relações raciais se estabelecem no Brasil, acabou produzindo o (senhor x escravo), do passado e que permitiu ao grupo dominante - branco - exercer sobre o grupo negro sua dominação. Essa relação de forças é que perpetuou a imposição e reprodução social da cultura branca, discriminando o outro - negro. Essa arbitrariedade social se mantém na forma de um "habitus". Ela é mais uma questão cultural. (...) A discriminação se sofre no dia-a-dia de uma maneira muito sutil, surda. Aluno de Farmácia.

O que perdura é o "jeitinho" brasileiro de discriminar como forma de resolver algumas situações. Ou, ainda, nas relações públicas o negro é visto e tratado como diferente, inferior. Nos espaços privados é desqualificado através de conversas, piadas racistas, etc. É um mecanismo "cordial" capaz de atenuar o conflito latente. Reforçando esse argumento, outro aluno afirma: A sociedade nos vê como diferentes. A sociedade camufla a relação. Se tem estudo, ascensão social é respeitado, quando se sabe. Caso contrário não. Aluno de Ciências Contábeis.

O negro é tratado pela sociedade com predicados negativos, mas quando se sabe que o sujeito negro é doutor, advogado, ou possui um cargo importante, ele passa a ser respeitado para não serem quebradas as regras de etiqueta social. Esses elementos parecem demarcar os espaços para brancos e negros na sociedade. Acho que é mais no lado social que existe bem essa separação de lugares, pras pessoas brancas que tem poder econômico e pras pessoas pobres e negras. Aluna de Pedagogia.

O que se pode levantar é a permanência no Brasil de uma "segregação espacial" ou melhor, as pessoas de origem africana encontram-se em maior quantidade nas regiões periféricas ao passo que os bairros de classe média e central são habitados predominantemente por brancos (Ver TELLES, 1996.). Essa segregação racial e espacial permite ver o acesso diferenciado na escola, no mercado de trabalho, nos serviços, etc. Também age diretamente na expectativa de ascensão social do negro brasileiro.

3.4 - A Escola e a Universidade

A escola como espaço de construção do saber, por muito tempo, apresenta a história dos negros numa visão negativa que atinge diretamente a auto-estima dos afrodescendentes. Por outro, a auto-estima abalada vai interferir no processo de formação de sua identidade, como baixa expectativa de mobilidade social. A mesma estudante de pedagogia vai mais longe ao relatar a maneira como alguns brancos se dirigem a ela. Tu não é negra, tu é moreninha. Eu dizia, não, eu sou negra. Eles diziam, não parece porque tu tens a pele mais clara. Aluna da Pedagogia.

A tentativa de desqualificar a identidade negra permite analisar duas dimensões: primeiro, é uma estratégia de enfraquecer o conflito latente numa relação bipolar (branco x negro); segundo é o discurso cotidiano que se encontra no imaginário social como meio de negar na pessoa seus caracteres africanos e aproximá-la de um modelo eurocêntrico, reforçando os aspectos de branqueamento e democracia nas relações raciais do Brasil.

Também destacamos a importância de se fazer a memória histórica do povo negro sob a ótica daqueles que sofrem com a discriminação. Veja-se o caso de uma outra estudante. O professor afirmou que as mulheres negras gostavam de seduzir os homens brancos. E eu achei um absurdo. Pois, o negro era escravo e não tinha poder para fazer sedução, mas sim sofrer a violência sexual. E o professor falou (...), que não era para mim ficar ofendida, pois eu era para ele uma 'negra de alma branca'. E respondi que minha alma é mais negra que a cor de minha pele. Aluna de Direito.

Aqui percebemos que está em jogo uma relação de poder e sedução. O professor, revestido de sua autoridade, remete para o oprimido (negro) a responsabilidade pela agressão sexual. E depois de questionado pela aluna negra faz uma tentativa para seduzi-la - "negra de alma branca", como estratégia para desqualificar o argumento (oral e corporal) de sua oponente. Outro discurso que projeta o poder (superior x inferior) é feito pela aluna de Biologia quando cursava o ensino médio. Mesmo porque a cidade onde eu nasci é de colonização alemã, então tem essa coisa de alemão que se acha superior.

carac na superioridade branca. E no século XIX, várias teorias científicas procuraram provar a "supremacia" dos brancos. (Ver SKIDMORE, 1991). Essa lógica argumentativa vem a comprovar o caráter axiológico de nossas relações sociais. Tudo o que se aproxima do branco é positivo; do negro é negativo.

Essas representações sociais são reproduzidas nos Meios de Comunicação Social e refletem-se na vida escolar dos alunos. Vejamos: Tinha uma novela que estava dando e tinha algo sobre discriminação racial. E o professor de português abordou a questão dentro da sala-de-aula. E eu tinha um colega, o Eduardo, que era negro. Ele servia de chacota para muitos em sala-de-aula (...). E quando foi dado essa discussão se existia discriminação dentro da sala-de-aula, aí muitos disseram que não. E eu disse que existia, veja-se o caso do Eduardo. Aluna de História.

O comportamento dispensado pelos alunos brancos vem reforçar um elemento que ajuda na exclusão do estudante negro da escola. Nessa situação, muitas vezes, professores e funcionários tomam conhecimento dos fatos e não sabem de que forma tratá-los, a nível do significado de discriminação racial, como argumenta CUNHA Jr. (1992:104). Esse silêncio, pode também revelar a omissão das pessoas responsáveis pela formação escolar. Daí, a necessidade da escola dominar temas transversais que perpassam o seu cotidiano (ética, cidadania, pluralidade cultural...) e intervir positivamente para a construção de um país democrático e pluri-racial.

Essas atitudes silenciosas se encontram também na universidade: sinto que os professores não se preocupam em estudar sobre a história e a cultura do negro. Aluna de Direito.

O fato de não se abrirem maiores debates na universidade está ligado aos aspectos "democráticos" das relações de raça no Brasil. Ou seja, mesmo que se admita a discriminação, não há um interesse sério, com linhas de pesquisa nas universidades brasileiras. É o que diz GOMES: ao invés de relutarem em aceitar tal fato, o momento é propício para entender a importância da centralidade da raça na discussão educacional e acolher as influências e contribuições do povo negro (1997:25).

Mesmo no ambiente do ensino superior, a pouca produção teórica sobre o tema, não tem encorajado professores a tais pesquisas. E dentro da universidade eu senti discriminação (...). Porque eu estava fazendo tópicos de América e perguntei pro meu professor: - O que eu posso levar da sala-de-aula pros alunos? (...) Eu disse, tenho vontade de falar sobre a religião do negro (...) E eu fui pesquisar. E num dos seminários eu tive uma colega que pesquisou as piadinhas que faziam sobre o aluno negro. E uma outra colega riu sobre o assunto. E eu disse a ela, então como tu farias? Em primeiro lugar eu não iria admitir que houvesse discriminação, mas é fato a gente rir de qualquer piada. Aluna de História.

Entretanto, a reação, o debate nesse ambiente gera uma nova consciência racial no sujeito que discrimina e em quem sofre a ação. Por isso, as estratégias de enfrentamento ajudam a construir caminhos de liberdade numa sociedade marcada por preconceitos. É o que veremos agora, ou seja, como o negro reage perante a ação discriminatória.

3.5 - Reação à Discriminação Racial

De acordo com os entrevistados, a luta contra o racismo passa por duas dimensões: num primeiro momento mais individual e no segundo coletivo. No entanto, a complexidade do próprio fenômeno "racismo" torna difícil a luta anti-racista. Para MUNANGA, as contradições e a falta de consenso sobre o conteúdo do racismo por parte dos especialistas e estudiosos de vários ramos do saber interessados na questão, (...) apresentam as primeiras dificuldades em nível de retórica anti-racista. (1936:79)

Nesse contexto, o discurso do próprio negro vem carregado pelas representações negativas que sofre do branco, no seu cotidiano, o que o torna muitas vezes, retraído e silencioso quando sofre a discriminação.

3.5.1 - Reação Individual

É uma reação de não enfrentamento, onde o sujeito reconhece para si ou para o outro, a existência da discriminação racial mas não age diretamente contra essa prática. Me sinto submisso, não sei reagir na hora. Eu praticamente me fecho e se foi num lugar que fui discriminada já procuro não ir naquele lugar. Aluna de Pedagogia.

Percebemos aí uma reação de submissão e fechamento. Aqui a sociedade demarca os "lugares" de que o negro pode usufruir e os "lugares" onde o negro não é bem visto. A condição racial demonstra que em muitos espaços sociais não é permitido a presença de pessoas negras. Nessa segregação não institucionalizada a reação é abafada como forma de evitar o conflito. Outras vezes o problema é do outro. Hoje eu acho que o problema não é só comigo, mas também das pessoas que são assim.. Esses dias eu fui trabalhar numa escola e conversando sobre tipos de lixo e um menino de 1ª série disse: -

O que percebemos é o não reconhecimento da discriminação consigo próprio mas com o outro. Porém, essa reação mais personalizada pode gerar o debate da questão racial no contexto escolar. Nessa direção, o aluno de Farmácia complementa: Eu tento colocar a situação. A discriminação racial do sujeito puramente pela cor é uma questão de ignorância. Até acho que ela teve algum sentido quando foi política por exemplo; alemão contra judeu, a questão da imigração. Do ponto de vista da cor, biológico é ignorância. Aluno de Biologia.

Outro aluno defende uma tese que emergiu com muita força, nos últimos tempos: a educação. Um investimento maciço na educação de base pode "mudar o comportamento" de muitas pessoas. Por isso, quero investir na minha formação profissional e mostrar que o negro pode agir com qualidade e competência nos espaços sociais. Aluno de Engenharia Elétrica.

Destaca-se nesse discurso, a importância que a educação adquire para o segmento negro. A crença de que a escola é fator decisivo na melhoria das condições de vida do negro. Em síntese, pode-se afirmar que a "escola goza de grande prestígio como peça ideológica e instrumental do projeto de ascensão e integração sociais da população negra no Brasil" (PEREIRA, 1987:43)

3.5.2 - Reação Coletiva

Essas reações se caracterizam mais como denúncia das práticas discriminatórias e iniciativas para que outros negros assumam sua negritude. Vejamos alguns exemplos: (...) a partir daí, surgiria um programa sobre o negro na Rádio Universidade de Santa Maria. - Cultura Afro-Brasileira -(...) E no final fiz o projeto e a programação foi ao ar. E somente um professor me ajudou. Aluna de História.

A construção de um programa em rádio possibilitou a emergência de uma visão crítica sobre o negro na sociedade brasileira. Foi uma tentativa de construção de referências axiológicas para a população negra de Santa Maria. Visto que, "a ausência ou o estereótipo do negro nos meios de comunicação são expressivas formas de violência que se praticam contra os descendentes de africano escravizado no Brasil (CONCEIÇÃO, 1996:256). Em outra estratégia coletiva de enfrentamento à discriminação, introduzem-se alguns elementos novos: Procurar o diálogo para enfrentar cara-a-cara com aquele que discriminou, se não for possível o diálogo, denunciando o ato de discriminação. Aluna de Direito.

Essa foi uma das poucas estudantes que dominava as leis anti-racismo como modo de reação à discriminação. A leitura e interpretação destas leis (Constituição Federal, art. 5o, parágrafo XLII) no Brasil dão margem para a desconfiança do poder das mesmas em punir ato de preconceito racial.

A mesma estudante confirma que a ligação a um grupo de consciência negra abre perspectivas na luta anti-racista: A entrada no Movimento Negro possibilitou uma consciência crítica em relação à história dos negros e uma ação mais coletiva contra a discriminação racial.

O Movimento Negro ocupa importante papel na afirmação de uma comunidade que reivindica seus direitos. Mas esse contexto de exclusão sócio-racial, herdada do passado escravista e atualizada no presente, nos desafia a pensar ações mais radicais no combate à discriminação. É o que diz o aluno de Farmácia: Ao sujeito, que vem de classe menos favorecida, deveria haver uma reserva de vagas nas universidades públicas. (...) O governo tem condições de fazer um levantamento através do IBGE, proporção de alunos pobres que estão na escola pública e reservar um percentual de vagas de acordo com a demanda de cada curso. E aí com a autonomia da universidade, ver de acordo com a região o percentual determinado para o aluno que não tem condições de pagar.

Concluindo, poderíamos dizer que as reações à discriminação racial, que se dão mais no nível individual, são de forma passiva, talvez devido ao pouco grau de pertencimento étnico de muitos negros e a um forte componente étnico-racial dos brancos do sul do Brasil, capaz de intimidar a reação dos negros, isoladamente. Em relação ao enfrentamento coletivo descobrimos uma melhor saída como: denúncia da discriminação, auto-estima, ações nos Movimentos de Luta Anti-Racismo.

3.6 - Universidade Como Conquista e Projeto de Ascensão Social

Se a educação for vista como um fator de "integração sócio-econômica" pela população de cor no Brasil, a escola foi valorizada como um "bem supremo" e uma espécie de "abre-te sésamo" da sociedade moderna. (FERNANDES, 1978:275 vol.2).

Nesse sentido o nosso objetivo é perceber a postura do aluno negro de hoje frente a universidade e o valor atribuído a formação de nível superior dentro de uma perspectiva de mobilidade ascendente. Uma forma de qualificação, especialização e perspectiva de vida melhor, ascensão social. Aluno de Engenharia Elétrica.

superar o universo cultural recebido. É poder se realizar como pessoa. É importante para mim crescer profissionalmente. É um sucesso, mostrando que sou capaz e conquistando um direito meu. (...) Mostrar que sou capaz como pessoa negra. Aluna de Biologia.

Esses argumentos podem servir para mostrar aos brancos que os negros são iguais em tudo, só na "cor que não". E despertar a auto-estima, a confiança na capacidade do negro conquistar seu direito de aprender. A educação é socialmente definida, como veículo de ascensão social, o meio por excelência para abolir as diferenças entre os dois grupos raciais.

Nesse sentido, a discriminação, por extratos sociais não garante o acesso em grande quantidade de alunos negros na universidade. A inserção de um pequeno grupo não corresponde, estatisticamente, para o conjunto da sociedade. É um privilégio, onde a gente sabe que uma pequena parcela da população tem acesso (...) É muito mais uma questão de cidadania.. E principalmente ter uma postura crítica e se impor como cidadão negro consciente de sua "raça", cultura e tentar influenciar os rumos da sociedade. Aluno de Farmácia.

A cidadania deveria ser o princípio estruturante em qualquer Estado Democrático de Direito. Entretanto, no Brasil, o princípio da cidadania não é um dado da realidade social. Por isso, o dever de um Estado Democrático é favorecer a criação de condições efetivas que permitam a todos beneficiarem-se da igualdade de oportunidade e não um "privilégio".

Apesar de todas essas dificuldades, há também uma busca de compromisso e solidariedade com a comunidade afro-brasileira. Essa nova visão do estudante negro hoje, faz criar uma rede maior de comunicação e responsabilidade. Nesse sentido, merece destaque a iniciativa do Centro de Estudos Afro-Asiáticos - Universidade Candido Mendes - que promoveu o primeiro "Curso Avançado sobre Relações Raciais e Cultura Negra", 1998. Uma grande contribuição para o intercâmbio entre pesquisadores no campo da cultura negra e relações raciais em todo Brasil.

Assim o fato de chegar até a universidade, significa romper com a visão excludente da sociedade. Por isso, o acesso ao curso superior já é uma conquista e se constitui em projeto de ascensão social para o estudante negro.

4 - CONCLUSÃO

Este trabalho procurou discutir a trajetória escolar de universitários negros da Universidade Federal de Santa Maria.

Partindo da revisão de literatura sobre o negro brasileiro percebemos que a ideologia da "democracia racial" age no sentido de reforçar as representações negativas para com os negros, através da discriminação racial.

Os resultados da pesquisa mostram também que há uma identificação racial positiva por parte dos jovens negros universitários. Possuem uma boa visão de negritude no sentido de valorizar a herança africana com orgulho de ser negro. Embora, não chegando a se formar uma consciência de negritude articulada com a maioria do povo negro.

O aluno negro sofre com diversos processos discriminatórios no decorrer do seu trajeto escolar. E na universidade há um "silêncio" sobre as contribuições da cultura negra na formação do país.

As reações à discriminação racial se dão mais de forma individualizada e passiva. Talvez devido ao pouco grau de coletividade e pertencimento étnico de muitos negros. Por outro, há um forte componente racial dos brancos no sul do Brasil capaz de silenciar a reação dos negros, isoladamente. Já na reação coletiva, descobrimos uma melhor saída como: denúncia formal do ato discriminatório e ações anti-racismo nos Grupos Sociais Negros.

A universidade apresenta-se como um dos principais instrumentos que possibilita a construção de um projeto de ascensão social.

A maioria dos estudantes negros da universidade tiveram que articular num determinado espaço de sua vida escolar: trabalho e estudo. A família tem tido um papel fundamental para aqueles que conseguem se apropriar desse saber acadêmico onde a educação torna-se uma ferramenta capaz de inserir estes estudantes na sociedade do conhecimento.

É nesse sentido que o estudo contribui para o campo da educação na dimensão racial dentro da universidade. E, também fica claro que a simples mudança de ingresso é apenas um aspecto de um processo mais amplo, segundo o qual se deve buscar um modelo de universidade mais adequada à realidade do aluno brasileiro. A educação superior no Brasil precisa ser acessível as classes populares

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTONIO, Neuza (coord.). **Evolução da Estrutura Acadêmica – administrativa da UFSM**. 1931-1995 (Vol.1), Santa Maria. Ed. Gráfica Universitária. 1995.
- AZEVEDO, Thales. **As Elites de Cor, Um Estudo de Ascensão Social**. Brasiliense, São Paulo, Cia. Editora Nacional. 1995.
- BARCELOS, Luis Cláudio. **Raça e realização educacional no Brasil**. Rio de Janeiro. IUPERJ (Tese de Mestrado em Sociologia). 1992.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. **Discriminação Racial e Resistência na voz de Trabalhadores Negros**. São Paulo. PUC. 1992.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na Sociedade de classes**. Vol I e II, Ática, São Paulo. 1965.
- GOMES, Nilma L. A contribuição dos negros para o pensamento educacional brasileiro. In Petronilha G. e Silva, Lucia M. de A. Barbosa. **O Pensamento Negro em Educação no Brasil**. EDUFSCAR. São Carlos. 1997.
- GUIMARÃES, A. S. **As políticas públicas para a ascensão dos negros no Brasil**. Rio de Janeiro: Estudos Afro-Asiáticos. (18), p. 235-261. 1996.
- _____. **"Raça", racismo e grupos de cor no Brasil**. In Estudos Afro- Asiáticos (27):45-63, abril. 1995.
- HABERMAS, J. **Discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Dom Quixote. 1990.
- HASENBALG. Carlos A. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal. 1979.
- HASENBALG, Carlos e SILVA, Nelson do V. **Estrutura Social, Mobilidade e Raça**. Vértice, Editora Revista dos Tribunais Ltda., IUPERJ. 1988.
- IANNI, Octavio. **Raças e Classes Sociais no Brasil**. São Paulo, Editora Brasiliense. 3ª edição. 1987.
- MOURA, Neiva de Oliveira. **Um estudo sobre o universitário do anual de 1990 da Universidade Estadual de Ponta Grossa: Carreiras Educacionais e Raça**. São Paulo, PUC (Tese do Mestrado – Psicologia da Educação). 1993
- MUNANGA, Kabengele (org.) **Estratégias e políticas de combate à discriminação racial**. São Paulo: EdUSP. 1996.
- PEREIRA, João B. B. A criança negra: Identidade étnica e socialização In: **Raça Negra e Educação**, Cadernos de Pesquisa (63): 41-5. Fundação Carlos Chagas, SP. 1987.
- RAMOS, Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro, Andes. 1957.
- RODRIGUES, F. **Racismo cordial. A mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil**. São Paulo: Ática/Folha de São Paulo/ Data Folha. 1995.
- ROSEMBERG, Fúlvia. Relações Raciais e rendimento escolar. In: **Raça negra e educação, Cadernos de Pesquisa**. São Paulo (63), 19-24, Novembro. Fundação Carlos Chagas. SP. 1987.
- SANSONE, Livio. **Nem somente preto ou negro. O sistema de classificação racial no Brasil que muda**. Rio de Janeiro. Afro-Ásia, (18): 65 – 187. 1996.
- SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1976.
- TEIXEIRA, Moema de Poli. **Negros em Ascensão Social: Trajetória de alunos e professores Universitários no Rio de Janeiro**. (Tese de doutorado – Antropologia Social). Museu Nacional, Rio de Janeiro. 1998.

Revista Perfil do Vestibular: a evolução das estatísticas dos vestibulares da UFSM de 1994-98. Santa
Maria: UFSM, PROGRAD, COPERVES, Imprensa Universitária, 1998.

[Edição anterior](#)

[Página inicial](#)

[Próxima edição](#)

Edição: 2001 - Vol. 26 - N° 01 > Editorial > Índice > Resumo > **Artigo**